



GUTO LACAZ

Arte

Vitalidade à mostra

Cresceu a freqüência regular aos museus e galerias. Foram feitas boas retrospectivas não só de artistas modernos como também um levantamento do século XIX. Uma magnífica exposição alemã reforçou o caráter didático que teve a última Bienal Internacional de São Paulo, confrontando a recente produção mundial com uma arte brasileira de boa qualidade.

■ XVII BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO — Com 140 participantes de 43 países, a Bienal revelou uma seleção de arte brasileira forte e inventiva o suficiente para enfrentar as novas correntes internacionais. Destaques para os artistas ingleses e para reedição da magnífica mostra de arte plumária dos índios brasileiros, organizada por Norberto Nicola.

■ ARTES GRÁFICAS NO EXPRESSIONISMO ALEMÃO — Os mestres do expressionismo, como Wassily Kandinsky, Paul Klee ou Ernest Ludwig Kirchner, numa preciosa seleção de exemplos de suas gravuras dos anos 20. A exposição ainda deve percorrer várias cidades brasileiras.

■ HISTÓRIA DA PINTURA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX — Um painel reunindo 150 telas das mais representativas da pintura no país, de 1800 a 1918, num detalhado levantamento sob a coordenação do crítico Quirino Campofiorito.

■ SERGIO DE CAMARGO — Com poucas peças em mármore negro, no Gabinete de Arte Raquel Babenco, o escultor carioca de 53 anos conseguiu demonstrar que é possível especular como um matemático com as formas no espaço e, ao mesmo tempo, obter esculturas de efeito surpreendente.

■ TOMIE OHTAKE — Com 140 telas no Museu de Arte de São Paulo, um resumo de 30 anos de pintura, da década de 50 à pintura recente.

■ FERNANDO PINTO — Ao fazer os trajes, alegorias, carros e adereços de "Como era verde o meu Xingu", para a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, o pernambucano Fernando Pinto, 36 anos, criou figuras de grande riqueza visual. Mereceu a seguir uma exposição deste seu trabalho na Galeria Cesar Aché, do Rio de Janeiro.

■ GRAFITEIROS — Carlos Matuck, Waldemar Zaidler Jr. e João Paulo Capobianco retomaram no início do ano a linguagem dos grafites de rua iniciada pelo artista Alex Vallauri e, além de pintar muros e painéis, produziram fotos e audiovisuais. São os grafiteiros de segunda geração, que terminaram o ano com uma exposição na Galeria São Paulo (SP) num balanço de seu imaginoso repertório.

■ GRANDES FORMATOS 3X4 — Coordenada pelo pintor Rubens Gerchman no Centro Empresarial Rio, uma reunião de catorze artistas mostra que a pintura está passando por uma fase de grande vitalidade.